

PSAMMOLESTES COREODES BERGROTH, 1911 (*Hemiptera*,
Reduviidae), EM PERNAMBUCO, BRASIL

Durval T. de LUCENA (1) e Norma T. de LUCENA (2)

RESUMO

A presença de *Psammolestes coreodes* na fauna entomológica do Nordeste brasileiro está assinalada na literatura apenas por uma citação de LENT⁶, que menciona ter sido VON IHERING o primeiro a coletar êste triatomíneo no Estado de Pernambuco, há 30 anos.

Com o objetivo de completar nossas investigações sôbre triatomíneos transmissores da moléstia de Chagas nesta parte do país, iniciamos uma pesquisa dos triatomíneos silváticos parasitas de ninhos de aves. A zona fisiográfica mais úmida do Estado (Litoral Mata) foi investigada em tôda sua extensão, desde a costa à zona mais sêca (Sertão), segundo representado no mapa anexo.

Os resultados mostram que *Psammolestes coreodes* tem distribuição geográfica ampla e variegada através a área estudada, sendo encontrado praticamente em todos os pontos, exceto na ilha costeira de Itamaracá. Foi encontrado em 45 localidades, dentre 57 visitadas.

Os ninhos do pássaro *Phacellodomus rufifrons specularis* (*Furnariidae*), popularmente conhecido como "casaca de couro" eram os únicos invadidos pelo inseto. De 170 ninhos examinados, 70 foram positivos.

Aparentemente, a associação entre o *P. coreodes* e o *P. rufifrons specularis* se deve ao hábito do pássaro, de construir ninho protegido e confortável que utiliza para sucessivas oviposições, nêle residindo mais ou menos permanentemente. Geralmente, o pássaro acrescenta uma segunda e uma terceira câmaras logo abaixo do compartimento primitivo do ninho, sugerindo que um ou mais casais de pássaros ali podem instalar-se simultâneamente, em caráter permanente ou por curtos períodos. Além disso, observou-se que pássaros como *Synnallaxis s. apixi* e *Icterus j. jamaicaii* invadem ninhos de *Furnariidae* de espécies diferentes do *P. rufifrons specularis*, assegurando, assim, as condições biológicas necessárias ao inseto para completar seu ciclo vital.

INTRODUÇÃO

A ocorrência em Pernambuco do *Psammolestes coreodes* Bergroth, 1911 foi assinada por LENT⁶, em 1935, ao referir que VON IHERING achara, a 10 km de Vitória de Santo Antão, um ninho de "casaca de couro" ou "ferreiro", em que havia "grande quantidade de insetos", entre os quais um exemplar de triatomíneo que, tendo-lhe chegado

às mãos, foi comparado com outro procedente de Lassance, Minas Gerais, êste classificado por COSTA LIMA⁸, em 1934, como *P. coreodes*. LENT⁶ achou-o idêntico ao espécime de Pernambuco. Esta citação revela que a descoberta do *P. coreodes* em Pernambuco, embora não determinada cronologicamente no mencionado trabalho, deve haver

(1) Departamento de Parasitologia da Faculdade de Medicina da Universidade do Recife, Pernambuco, Brasil

(2) Centro de Pesquisas Ageu Magalhães, Recife, Pernambuco, Brasil

precedido, de perto, a de Lassance, verificada em 1933, segundo LENT & MARTINS⁷. Tal suposição baseia-se no fato de que VON IHERING⁵ esteve em Pernambuco em 1932, estudando “Os viveiros de peixes do Recife”, quando, certamente, viajou ao interior do Estado, fazendo as observações e coleções referidas por LENT⁶. Decorre ainda dessa citação que se deve ao pranteado entomologista COSTA LIMA⁸ a determinação do primeiro espécime de *P. coreodes*, feita em 1934. Isto é, há 30 anos apenas esse interessante reduvídeo, tão comum representante da nossa fauna hemipterológica era conhecido. Mas isso não admira quando nos lembramos que somente em 1960 foi ele descoberto em São Paulo (CORRÊA & col.³). É que a atenção dos nossos entomologistas-médicos, quase sempre voltada para as espécies domiciliares transmissoras de doenças, tem deixado escapar preciosas descobertas que, certamente, viriam à luz sob as vistas do naturalista despido do preconceito antropocêntrico.

Havendo completado o estudo dos triatomíneos domiciliares e paradomiciliares transmissores da doença de Chagas no Nordeste (LUCENA & COSTA¹³; LUCENA^{9, 11, 12}), voltamos nossa atenção para as espécies silvestres, começando nossas pesquisas, em Pernambuco. Visamos, inicialmente, o *Psammolestes coreodes*, em virtude da mera citação de sua ocorrência, há 30 anos, dando a parecer que fôsse raro entre nós, o que procuramos esclarecer, estabelecendo investigação sistemática nesse Estado.

MATERIAL E MÉTODO

Conhecida a diversidade fisiográfica do território do Estado, caracterizada nas zonas do Litoral-Mata, Agreste e Sertão, planejamos investigar primeiramente as duas zonas mais próximas da Costa, deixando o Sertão para depois. Neste trabalho trazemos, justamente, o resultado da primeira parte de nossa pesquisa, a qual foi realizada em 57 localidades situadas em 27 Municípios do Litoral-Mata e do Agreste, espalhados por todos os quadrantes das mencionadas zonas, como se pode ver do mapa anexo.

As investigações foram conduzidas visando obter ninhos de pássaros pendentes de árvores de porte elevado (baraúna, angico, etc.), só poucas vezes examinando-se ninhos

abrigados em vegetais de porte médio (avelós, jurema). Os ninhos eram obtidos cortando-se o galho da árvore ou, algumas poucas vezes, derrubando-se o galho a tiro de espingarda. No chão, o ninho era desfeito cuidadosamente e todos os insetos coligidos, como se encontravam, vivos ou mortos. O material era colocado em caixas de madeira com rótulo indicando local, data, nome da árvore, nome do pássaro presumivelmente construtor do ninho, e depois transportado para o laboratório onde a identificação era feita. As buscas estenderam-se de novembro de 1961 a novembro de 1962, intermitentemente, pois foram realizadas no decurso de outras investigações concomitantemente efetuadas.

Ao descrevermos os resultados, mencionaremos os nomes das árvores onde os ninhos se encontravam e os dos pássaros construtores dos mesmos. Citaremos apenas os nomes populares por que são conhecidos, resistindo à tentação de nomenclatura duvidosa, exceção feita para a principal espécie ornitológica a que o inseto está associado.

RESULTADOS

Como já referimos, nossa investigação foi procedida em 27 Municípios situados nas zonas do Litoral-Mata e do Agreste pernambucanos. Para melhor apreciação dos resultados, ilustramos no mapa anexo do Estado a distribuição geográfica do *P. coreodes*, representada pela área onde estão localizados os Municípios em que foi o mesmo coligido. Uma relação discriminativa dos Municípios, localidades, número de ninhos pesquisados e positivos, quantidade de insetos coletados e estágio evolutivo respectivo, também foi organizada, permitindo, sumariamente, dar conhecimento dos resultados a que chegamos.

- a) Praticamente todo o território onde procedemos às buscas é habitado pelo *P. coreodes*, desde o Litoral, em Igarapé e Sirinhaem, ao Agreste distante, em Belo-Jardim e Pesqueira. Timbaúba, ao norte, e Quipapá, ao sul, foram os pontos opostos do quadrante investigado. No Litoral-Mata foram os seguintes os Municípios pesquisados e positivos: Igarapé, Sirinhaem, Goiana, Timbaúba, Macaparana, Nazaré da Mata, Bom-Jardim,

QUADRO I

Municípios e localidades do Estado de Pernambuco onde foi encontrado *Psammolestes coreodes* em ninhos do pássaro "casaca de couro" (*Phacelodromus rufifrons specularis* Hellmayr)

Ordem	Data	Municípios	Localidades	Ninhos de pássaros		<i>Psammolestes</i> capturados		
				Exam.	Posit.	Ninfa	Adulto	Total
1	16/11/61	Glória de Goitá ..	Sítio Guilherme	12	5	74	27	101
2	23/11/61	Vitória	Engenho Cacimba	1	1	13	3	16
3	24/11/61	Vitória	Engenho Serra	1	1	1	4	5
4	22/11/61	Vitória	Sítio Recanto	1	1	5	—	5
5	22/11/61	Vitória	Usina N. S. do Carmo	1	1	—	12	12
6	13/12/61	Itamaracá	Engenho São João	1	—	—	—	—
7	24/ 1/62	Gameleira	Engenho Barra	14	—	—	—	—
8	25/ 1/62	Gameleira	Engenho Pau Sangue	1	1	3	9	12
9	26/ 1/62	Gameleira	Engenho Bomsucesso	10	—	—	—	—
10	17/ 1/62	Palmares	Engenho Pau Sangue	2	2	32	28	60
11	17/ 1/62	Palmares	Engenho Japaranduba	1	1	—	1	1
12	18/ 1/62	Palmares	Engenho Esperança	1	1	3	6	9
13	19/ 1/62	Palmares	Engenho Massaranduba	3	3	7	8	15
14	9/ 1/62	Ribeirão	Engenho Sebastião	8	2	6	9	15
15	10/ 1/62	Ribeirão	Engenho Alegre	7	2	6	11	17
16	11/ 1/62	Ribeirão	Engenho Taquara	8	4	23	21	44
17	6/ 2/62	Limoeiro	Sítio Feiticeiro	10	—	—	—	—
18	6/ 2/62	Limoeiro	Fazenda Varjada	1	1	24	11	35
19	6/ 2/62	Limoeiro	Fazenda Boi Seco	1	1	—	3	3
20	20/ 2/62	Igarauçu	Engenho do Meio	6	1	—	1	1
21	21/ 2/62	Igarauçu	Engenho Cumbe de Cima	10	1	—	2	2
22	22/ 2/62	Igarauçu	Engenho Jarapia	8	—	—	—	—
23	28/ 2/62	Nazaré	Engenho Cachoeirinha	1	1	—	—	—
24	22/ 2/62	Nazaré	Engenho Alcaparra	1	1	—	—	—
25	1/ 3/62	Nazaré	Sítio Chã de Uruçu	1	1	12	28	40
26	2/ 3/62	Nazaré	Engenho Cumbe	2	2	—	—	—

Ordem	Data	Municípios	Localidades	Ninhos de pássaros		Psammolestes capturados		
				Exam.	Posit.	Ninfa	Adulto	Total
27	12/ 3/62	Goiana	Engenho Caribé	4	4	9	40	49
28	14/ 3/62	Goiana	Engenho Pitu Açú	2	2	8	21	29
29	14/ 3/62	Goiana	Engenho Santo Antônio	1	1	19	7	26
30	15/ 3/62	Goiana	Engenho Tapirema	1	1	11	13	24
31	2/ 4/62	Macaparana	Engenho Macapázinho	1	1	—	1	1
32	28/ 3/62	Timbaúba	Engenho Verdun	1	—	—	—	—
33	29/ 3/62	Timbaúba	Engenho Jacaré	1	1	5	2	7
34	14/ 2/62	Sirinhaem	Engenho Água Fria	6	—	—	—	—
35	15/ 2/62	Sirinhaem	Engenho Camboinha	2	2	61	28	89
36	6/ 6/62	Gravatá	Sítio Alto do Rio	4	2	15	8	23
37	13/ 6/62	Bezerros	Sítio Cumbe	2	—	—	—	—
38	14/ 6/62	Bezerros	Sítio Jurema	1	1	—	2	2
39	15/ 6/62	Bezerros	Sítio Campo Grande	1	—	—	—	—
40	30/ 5/62	Bom Jardim	Fazenda Espera	1	1	9	12	21
41	31/ 5/62	Bom Jardim	Fazenda Campina	1	1	—	2	2
42	31/ 7/62	Caruaru	Fazenda Alto do Moura	1	—	—	—	—
43	1/ 8/62	Caruaru	Fazenda Juriti	3	3	1	5	6
44	3/ 8/62	São Caetano	Fazenda Papagaio	1	1	—	4	4
45	7/ 8/62	Belo Jardim	Fazenda Sta. Maria	2	1	1	1	2
46	8/ 8/62	Belo Jardim	Fazenda Feixe	2	2	3	7	10
47	11/ 8/62	Pesqueira	Sítio Lajes	1	1	—	1	1
48	13/ 8/62	Pesqueira	Sítio Ouro Dantas	1	—	—	—	—
49	13/ 8/62	Pesqueira	Fazenda Canaã	2	—	—	—	—
50	31/ 8/62	Maraiá	Fazenda Uruçu	1	1	4	5	9
51	3/ 9/62	Lagoa de Gatos	Sítio Chá da Panela	1	1	3	7	10
52	7/ 9/62	Quipapá	Usina Pirangi	1	1	1	7	8
53	11/ 9/62	Canhotinho	Sítio Boa Vista	1	1	—	1	1
54	13/ 9/62	Canhotinho	Sítio Riacho do Mel	2	2	—	3	3
55	8/11/62	Orobó	Sítio Tanque	3	3	16	3	19
56	12/11/62	Vertente	Fazenda Gravatazinho	3	1	—	3	3
57	15/11/62	Taquaritinga	Sítio Silva	3	1	8	3	11
Total				170	70	383	370	753

Orobó, Limoeiro, Glória do Goitá, Vitória de Santo Antão, Ribeirão Palmares, Gameleira, Maraial, Lagoa de Gatos e Quipapá. No *Agreste*: Taquaritinga, Vertente, Gravatá, Bezerros, Caruaru, São Caetano, Belo Jardim, Pesqueira e Canhotinho. Sòmente em Itamaracá, ilha costeira ao norte do Estado, não encontramos ninhos infestados.

- b) Engenhos, sítios, fazendas e usinas, totalizando 57 localidades, foram inspecionados, em 45 dos quais encontramos um ou mais ninhos positivos. À parte o Engenho São João, em Itamaracá, temos 80,0% das localidades com *P. coreodes*.
- c) Examinamos 170 ninhos, encontrando 70 parasitados (40,0%). Nesses ninhos coletamos 753 exemplares de *P. coreodes*, dos quais 383 ninfas e 370 adultos. A média populacional por ninho é, pois, de um pouco mais de 10 insetos.
- d) Os ninhos pendiam das árvores de grande porte como a baraúna, a cajazeira, o angico, a imbaúba, a sucupira, o umarizeiro, a piaca, a pitombeira, o genipapeiro, o jucá, o trapiazeiro, o juazeiro, o tambor, a jaqueira, o espinheiro, o salgueiro; mas também do avelós e da jurema.

Vale ressaltar que só os ninhos do conhecido passarinho "casaca de couro" eram parasitados pelo *P. coreodes*, muito embora poucos tenham sido examinados pertencentes a outras espécies aviárias: 1 de lavandeira, 2 de canário e 1 de sabiá.

- e) A espécie ornitológica, amplamente conhecida entre nós pela denominação "casaca de couro", corresponde ao pássaro da família *Furnariidae* que o eminente ornitologista patricio, Dr. OLIVÉRIO PINTO¹⁷, em sua memória sobre as "Aves de Pernambuco", classifica como *Phacellodomus rufifrons specularis* Hellmayr (PINTO, 1940¹⁷).

DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

1) Estas pesquisas revelaram a existência de uma espécie entomológica apenas assinada em Pernambuco há mais de 30 anos. Não é de se dizer que ela seja rara; ao contrário, largamente difundida, foi encontrada

em todo o território percorrido, desde os Municípios litorâneos de Igarauá e Sirinhaem até aos confins do Agreste. Esta observação deixa a crença de que sua área de incidência se estende para o Norte, ao Estado da Paraíba, assim como para o Sul, à Alagoas, pois existe nos Municípios pernambucanos limítrofes respectivos. Resta, apenas, a comprovação.

2) Aparentemente, a zona favorável à biologia do *P. coreodes* deve ser o Litoral-Mata, a mais úmida; e isto porque, considerando-se o número dos insetos coligidos relacionado ao número de ninhos positivos, temos a média de 12 insetos por ninho nessa zona, ao passo que no Agreste a média é apenas a metade daquela, conforme se pode ver abaixo.

Zona fisiográfica	Insetos capturados	Ninhos positivos	Inseto/ninho
Litoral-Mata	658	55	12
Agreste	95	15	6
Total	753	70	11

Se compararmos o número das localidades investigadas com o das positivas, relacionando as duas zonas fisiográficas onde estão situadas, observamos, também, o mesmo fenômeno que, talvez, pudéssemos ligar a um ou mais fatores ecológicos presentes naquela zona úmida, favorecendo a dispersão desse triatomíneo, conforme se pode ver a seguir, na relação percentual que estabelecemos.

Zona fisiográfica	Localidades investigadas	Localidades positivas	%
Litoral-Mata ...	41	34	83
Agreste	16	11	69
Total	57	45	79

3) Espécie vivente em ecótopo aéreo, suspenso dos galhos das árvores, não surpreende que o *P. coreodes*, sujeito às leis da regulação osmótica dos líquidos circulantes, prolifere mais abundante, ali onde a umidade do ar é maior. Sem outro abrigo natural que o ninho de gravetos, capim e alguma fibra vegetal, excessivamente exposto às variações meteorológicas, permeável ao ar seco ou úmido e às temperaturas cálida ou fresca, o coeficiente de evaporação deve influir so-

bremaneira, limitando a população entomológica, assim como sua dispersão. Este raciocínio leva-nos a supor ser parca a distribuição geográfica e escassa a população do *P. coreodes* na zona mais árida do Sertão.

4) Constitui exemplo interessantíssimo de adaptação parasitária entre espécies zoológicas a associação que o *P. coreodes* mantém com o *Phacellodomus rufifrons specularis*. Lembra o parasitismo específico de fins alimentares a que BRUMPT² denominou *esteno-trofo*, tendo em consideração o conceito de GRASSÉ⁴, segundo o qual essa especificidade parasitária está na íntima dependência da fisiologia tanto do parasita como do hospedeiro, antes que seja resultante de um fenômeno isolado. Dêsse modo, a adaptação seria conseqüência da natureza do alimento, do sangue do pássaro. Se êsse argumento é aceito para explicar a especificidade parasitária estrita entre, por exemplo, o *Melophagus ovinus* e os carneiros ou a *Lynchia maura* e os pombos, entretanto, aparentemente, não se presta para esclarecer a adaptação biológica em foco.

Ao que parece, no caso do *P. coreodes* e o pássaro que a abriga no seu ninho, está em jôgo um fator etiológico, de que fala GRASSÉ⁴. São os hábitos do furnarídeo que tornaram possível a adaptação. O fato de o ninho do "casaca de couro" possuir mais de um, cinco e até seis "aposentos", lembra a possibilidade de nidificação concomitante ou sucessiva de mais de um casal de pássaros; assim, a permanência dos mesmos ou de sua descendência, antes do vôo, garante alimento ao hemíptero, além do abrigo que o ninho bem construído oferece. Na comunicação que VON IHERING enviou a LENT⁶, descreve um ninho com 6 "aposentos", em 4 dos quais, os mais inferiores, "havia grande quantidade de insetos", acrescentando: "Nos 2 ninhos de cima não havia deles, parecendo mais velhos". É crível que alguns desses 4 "aposentos" inferiores fôssem habitados por pássaros, senão todos, tendo em vista a "grande quantidade de insetos" encontrada por VON IHERING, os quais se mantinham próximos da fonte alimentar.

Além disso, não parece que o furnarídeo abandone o ninho trabalhosamente construído, provavelmente nêle permanecendo após o vôo dos filhotes. Se a sucessão dos "aposentos" superpostos pode indicar abandono

de um e construção de outro, mais nôvo, para a oviposição recente, entretanto, a utilização dos antigos ou mesmo dos novos, por outras espécies aviárias, tem sido observada por vários Autores, entre os quais SANTOS¹⁹, que, a propósito do *Phacellodomus r. rufifrons*, assim se expressa: "Quando abandonando o ninho, nem sempre fica devoluto, pois o corrupião (*Icterus j. jamaicaii*) nêle se instala descerimoniosamente". De outros furnarídeos, o mesmo Autor fêz observações análogas, referindo a utilização dos ninhos de *Synnallaxis f. frontalis* e *Synnallaxis s. spixi* pelo "saci", *Tapera n. naevia*, conhecida entre nós por "peítica".

A associação do *P. coreodes* aos furnarídeos seria, então, conseqüência da presença, mais ou menos constante, desse pássaro ou doutros associados, no ninho por êles construído; dêsse modo, o hemíptero encontra abrigo e alimento de que carece, daí localizar-se, proliferar e estabelecer colônia permanente.

Então, é a natureza do ninho do furnarídeo que determina a presença do *Psammolestes* ali. A construção confortável, bem protegida, habitada permanentemente pelo pássaro ou por outras espécies aviárias, é a causa da associação biológica, e não o sangue do pássaro em si. Invadido o ninho, nêle acha o hemíptero as condições gerais para sua subsistência e de sua descendência, protegidos, inclusive, de outros inimigos naturais que o seu hospedeiro atasta.

5) O parasitismo atual dos ninhos dos furnarídeos pelo *P. coreodes* é fácil de explicar pela infestação dos ninhos novos através do transporte de ninfas jovens ou, mesmo, ímagos nas penas do pássaro, seja frequentando outros ninhos, seja construindo novas moradas, ou noutras circunstâncias. Ao lado dessas modalidades, passivas, ainda pode-se admitir a passagem do inseto de um ninho para outro, na mesma árvore ou em árvores próximas, as ninfas caminhando ou, os adultos, voando. A adaptação parasitária, ao contrário, não é de fácil interpretação, a cujo propósito uma visada retrospectiva poderia ser tentada com suporte no fenômeno da aquisição pelo parasita de novo hospedeiro.

6) É geralmente admitido que os atuais triatomíneos domiciliares transmissores da doença de Chagas, primitivamente eram in-

setos silvestres, vivendo em locas de animais silvestres em cujo convívio adquiriram o *Trypanosoma cruzi*. Algumas dessas espécies ainda hoje têm hábitos puramente silvestres, como alguns *Rhodnius*; outros já invadem o domicílio no estado adulto, como o *Panstrongylus lutzi*; por fim, muitos deles vivem e se multiplicam no interior da habitação humana.

Esses fatos serviram-nos para classificar nossos triatomíneos, sob o ponto de vista ecológico, respectivamente, em silvestres, paradomiciliares e domiciliares (LUCENA¹⁰). Se bem que alguns *Rhodnius*, como o *R. brethesi* e o *R. pictipes* ainda sejam eminentemente silvestres, vivendo em palmeiras, onde pássaros e mamíferos integrantes da biocenose lhes fornecem alimento, todavia outras espécies como o *R. prolixus* e o *R. pallescens* se tornaram domiciliares, embora essas duas espécies também se encontrem em abrigos naturais de animais silvestres. Vê-se por aí que o gênero *Rhodnius* tem certa afinidade com o *Psammolestes*, isto é, habitam ecótopos aéreos: ninhos de pássaros e frondes de palmeiras. Entretanto, *Psammolestes*, circunscrito aos ninhos de pássaros, parece mais primitivo que *Rhodnius*, que desceu para as locas de animais ou, mesmo, já penetrou nos domicílios. Essa afinidade ecológica repercute em certo caráter comum aos dois gêneros que nos parece digno de nota — a côr. É, realmente, interessante a predominância da côr de palha do tegumento desses triatomíneos, apreciável noutros reduvídeos predadores como os *Stenopodineos*, cuja exposição mais freqüente aos fatores externos resulta na tonalidade tegumentar monocromática. As variações de tom são escassas em *Psammolestes* e, mesmo em *Rhodnius*, a ornamentação é discreta; os contrastes são apenas perceptíveis, sobretudo nas manchas do conexivo, mas, ainda assim, trata-se de mera acentuação da tonalidade geral e não uma diferença cromática evidente. Releva considerar a função que desempenha para a sobrevivência desses insetos, sujeitos a servirem de presa para seus inimigos, a côr do tegumento que lhes permite ocultarem-se no ecótopo em que vivem. A tonalidade do material do ninho dos pássaros para o *Psammolestes* ou das folhas secas das palmeiras para o *Rhodnius*, representam o fator mimético de que eles se valem para poderem comer e evitar ser comidos. Essas considerações levam-

nos à conclusão de que *P. coreodes* é um triatomíneo dos mais primitivos, eminentemente silvestre, vivendo em associação com o seu hospedeiro preferencial — o pássaro da família *Furnariidae*, em virtude do caráter permanente da sua moradia.

7) A distribuição ampla do *P. coreodes* em Pernambuco comprova o que já era sabido a seu respeito. NEIVA & LENT¹⁴ mencionam os Estados do Ceará, Mato Grosso, Minas Gerais e Pernambuco, no Brasil, e também a Argentina na sua área de distribuição. Parece que não é apenas amplamente espalhado, como sugere o seu registro na Argentina, ao sul, e no Ceará, ao norte, em Mato Grosso, a oeste e em Pernambuco, a leste; mas também numeroso nas localidades onde tem sido procurado. PELEGRINO¹⁵ assinalou-o em 12 municípios mineiros compreendidos em cinco zonas fisiográficas; coletou 378 exemplares em Bambuí e poucos mais em quatro localidades; entretanto, não mencionou o produto da captura nas sete localidades restantes. Nas proximidades de Belo Horizonte, PELEGRINO & BRENER¹⁶ recolheram 246 espécimes em ninhos de *Phacellodomus r. rufifrons*. ABALOS & WYGODZINSKY¹, embora não refiram o número de exemplares capturados, informam que o encontraram em 8 departamentos argentinos e que “ocupa el area que comprende de la llanura seca y cálida”, isto é, “Jujuy, Salta, Fromosa, Chaco, Tucumán, Santiago del Estero, Santa Fé y Corrientes, aunque seguramente deve llegar más al sur”. Esta citação nos faz pensar que muito longe ainda estamos de conhecer a distribuição geográfica do *P. coreodes*, no Brasil.

8) A associação do *P. coreodes* aos furnarídeos é realmente muito interessante, conforme já vimos anteriormente¹³. Todos os 70 ninhos habitados por êsse hemíptero, em nossas pesquisas, foram construídos pelo passarinho. Uma investigação sistemática em ninhos de outras aves ainda está para ser feita, antes que se possa concluir por exclusivismo ou especificidade parasitária. Na literatura encontra-se uma única referência dessa natureza. É a de ABALOS & WYGODZINSKY¹ que coletaram *P. coreodes*, na Argentina, em ninhos de pássaros não identificados, mas também no de *Myiopsitta monachus cotorra* (Vieillot), psitacídeo conhecido no norte daquele país e no Paraguai,

As a complement to our investigations on triatomid bugs as vectors of Chagas' disease in this part of the Country, we started a survey on silvatic triatomids inhabiting bird nests. The damper physiographical zone of the State (Litoral-Mata) was investigated in all its extension, from coast to the limits of the drier zone (Sertão), as represented in the included map.

Results showed that *P. coreodes* has a wide and scattered geographical distribution through the surveyed area, being encountered in all countries searched, except the coastal Itamaracá island. It was found in 45 places out of 57 visited.

Nests of the *Furnariidae* bird *Phacellodomus rufifrons specularis*, known by people as "casaca de couro" (Leather coat), were the only to be found invaded by the insect. Seventy nests out of 170 examined were positive.

Apparently the association between *P. coreodes* and *Phacellodomus r. specularis* is due to the habit of the bird to build up a well protected and comfortable nest used for repeated egg laying the bird inhabiting it more or less permanently. Usually, the bird attaches a second and a third chamber just underneath the original one-called nest. This might suggest that one or more bird couples, could dwell at one time in a single nest, permanently or for short periods. Moreover, it had been observed birds such as *Synnalaxis s. spixi* and *Icterus j. jamaicaii* invading nests of *Furnariidae* other than *P. rufifrons specularis*, thus recurring the biological conditions required by the insect to complete its vital cycle.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ABALOS, J. W. & WYGODZINSKY, P. — Las Triatominae Argentinas (Hemiptera, Reduviidae). *Instituto de Medicina Regional, Tucuman*. Publ. nº 601, 1951.
2. BRUMPT, E. — *Précis de Parasitologie*. 6e. édit., Paris, Masson, 1949.
3. CORRÊA, R. R.; ROCHA e SILVA, E. O. & SCHIAVI, A. — Observações sobre o *P. megistus*, transmissor da moléstia de Chagas. *Arq. hig. e saúde públ.* 28:165-174, 1963.
4. GRASSE, P. P. — *Parasites et Parasitisme*. Paris, Lib. Armand Colin, 1935.
5. Von IHERING, R. — Os viveiros de peixe no Recife. *Bol. Secret. Agric. Estado de Pernambuco* 1:35-40, 1932.
6. LENT, H. — Sobre a biologia, sistemática e distribuição geográfica do *Psammolestes coreodes* Bergroth, 1911 encontrado em ninhos de aves no Brasil. *Rev. Entomol.* 5: 381-395, 1935.
7. LENT, H. & MARTINS, A. V. — Estudo sobre os triatomíneos do Estado de Minas Gerais, com descrição de uma espécie nova. *Rev. Entomol.* 11:877-886, 1940.
8. LIMA, A. C. — *Insetos do Brasil*. 2º Tomo, Rio de Janeiro, 1940.
9. LUCENA, D. T. — Epidemiologia da doença de Chagas em Pernambuco. I — Distribuição geográfica dos triatomíneos. *Rev. brasil. malariol. doenças trop.* 9:537-552, 1957.
10. LUCENA, D. T. — Ecologia dos triatomíneos do Brasil. *Rev. brasil. malariol. doenças trop.* 11:577-635, 1959.
11. LUCENA, D. T. — Epidemiologia da doença de Chagas em Alagoas. III — A fauna triatomínea. *Rev. brasil. malariol. doenças trop.* 13:77-88, 1961.
12. LUCENA, D. T. — Epidemiologia da doença de Chagas no Rio Grande do Norte. II — A fauna triatomínea. *Rev. brasil. malariol. doenças trop.* 14:237-248, 1962.
13. LUCENA, D. T. & COSTA, L. — Epidemiologia da doença de Chagas na Paraíba. *Rev. brasil. malariol. doenças trop.* 6:229-266, 1954.
14. NEIVA, A. & LENT, H. — Sinopse dos triatomídeos. *Rev. Entomol.* 12:61-92, 1941.
15. PELEGRINO, J. — Transmissores da doença de Chagas no Estado de Minas Gerais. *Rev. Assoc. Méd. Minas Gerais* 2:43-66, 1951.
16. PELEGRINO, J. & BRENER, Z. — Sobre uma mutação observada no *Psammolestes coreodes* Bergroth, 1911. *Mem. Inst. Oswaldo Cruz* 49:565-566, 1951.
17. PINTO, O. M. de O. — *Catálogo das Aves do Brasil*. 1ª Parte. *Aves de Pernambuco*. São Paulo, *Arq. Zool. do Estado de São Paulo* 1:219-282, 1940.
18. PINTO, O. M. de O. — Resultados ornitológicos de duas viagens científicas ao Estado de Alagoas. *Papéis Avulsos. Dep. Zool.* 12:1-98, 1956.
19. SANTOS, E. — *Pássaros do Brasil*. Rio de Janeiro, F. Briguiet, 1940.

Recebido para publicação em 19/3/1965.